VIOLÊNCIA E ESTEREÓTIPOS DO FEMININO NO VALE DO PARAÍBA PAULISTA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DAS ÁREAS RURAIS.

Autores: Bianca Bueno Silva, Maria Esther Vaz Mendes e Lidiane Maria Maciel.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil. biancabueno928@gmail.com, mariaesthermendes1@gmail.com, lidiane@univap.br

Resumo

O presente artigo compõe um estudo de caso sobre as consequências dos estereótipos historicamente atribuídos às mulheres do campo, como donas de casa, mães e esposas, com o foco no território do Vale do Paraíba Paulista e nas relações entre desigualdade de gênero e território. A partir do olhar da Psicologia Sócio-Histórica, o trabalho discute como os contextos e culturas contribuem para a construção de estereótipos e identidades, considerando a influência dessas construções na vida das mulheres do campo. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa, por meio de estudo de caso sobre a trajetória dessas mulheres, abordando aspectos como a divisão do trabalho, o acesso à terra, violências e as relações de poder presentes nesses espaços, além da análise de conteúdos publicados em portais de notícias voltados à região e das representações de personagens femininas nos longas-metragens de Amácio Mazzaropi, “Jeca Tatu” (1959) e “Jeca e a Freira” (1967). Nesse sentido, o texto evidencia a permanência dessas construções nas vivências e identidades das mulheres atravessadas pelas relações de gênero.
Palavras-chave: Mulheres do Campo. Rural. Identidade.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas**:** Psicologia

Introdução

Os objetivos deste artigo são, trazer uma análise acerca das consequências dos estereótipos historicamente atribuídas às mulheres do campo, com o foco no território no Vale do Paraíba, nas quais os contextos as moldaram e potencializam esses discursos estigmatizantes da identidade feminina no campo, e como repercutem na vida destas (Goffman, 2008). Assim, o artigo trata dos efeitos sócio, históricos e culturais de discursos misóginos, os quais são formadores de identidades até os dias atuais. Os estereótipos acerca das mulheres do campo podem ser compreendidos como fenômenos ligados historicamente ao machismo estrutural construído nas zonas rurais e na sociedade, a partir da compreensão de que a mulher representa um papel mais ligado à estrutura familiar, onde sua identidade é construída interligada a este estereótipo (Ribeiro, 2014). Segundo Vygotsky (2008), a identidade é construída através dos âmbitos sociais, com as vivências relacionais:

> A transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento. O processo, sendo transformado, continua a existir e a mudar como uma forma externa de atividade por um longo período de tempo, antes de internalizar-se definitivamente. (Vygotsky, 1991. p.52.)

O local de estudo do presente artigo se encontra no Vale do Paraíba, interior de São Paulo. O Vale do Paraíba Paulista se tornou uma rota popular para a migração devido à marcha do café no século XIX. Assim, chegam diversas pessoas de inúmeras regiões, a fim de ir em busca de trabalhos com a agricultura e pecuária (Ribeiro, 2014). Dessa maneira, vale-se compreender a diferença entre a misoginia vivenciada pelas mulheres do âmbito urbano e rural. Na zona urbana há uma desvalorização, precarização e salários desiguais para as mulheres, no contexto rural devido a dificuldade de encontrar empregos, isso as colocam em exposição para situações de violência por parte do parceiro, em razão da completa dependência econômica, assim permanecem em casamentos e relações abusivas (Federici, 2021). A fim de demonstrar o teor midiático brasileiro acerca da figura da

mulher caipira, serão analisados dois filmes de Mazzaropi, onde serão analisadas estas personagens das mulheres caipiras de baixa renda e como eram retratadas nas mídias populares.

Metodologia

O seguinte artigo foi realizado com a metodologia qualitativa, o trabalho tem o propósito de ser um estudo de caso das mulheres no campo. Assim, vão ser utilizadas o livro de Silvia Federici (2021) como uma base da situação feminina no campo e seus direitos à terra de forma ocidental, ou seja, as raízes de uma política misógina na sociedade europeia, de maneira que por meio da colonização foi inserido nas colônias. Também há a análise de portais de notícias as quais cobrem a região, e as personagens femininas nos longas do Amácio Mazzaropi “Jeca Tatu” (1959) e “Jeca e a Freira” (1967). Este trabalho terá como local de investigação o Vale do Paraíba Paulista. Com isso, o artigo trata dos efeitos sócio, históricos e culturais de discursos misóginos, os quais são formadores de identidades até os dias atuais.

Resultados

Na obra “Calibã e a Bruxa” (2021), Federici vai traçar uma linha histórica, no momento aproximado onde as mulheres perderam seu direito às terras no campo, assim sendo forçadas á migrarem para as cidades em busca da sobrevivência. É importante destacar que, com a mudança do sistema feudal para o capitalismo (tido pela historiadora como a derrota da classe trabalhadora), como o ponto principal dessa perda de direitos. Assim, os donos de terras iniciaram o processo de apropriação primitiva, onde se apossaram de propriedades alheias por meio de cercas, além de utilizarem a força deixavam os pequenos agricultores sem ter onde plantar. Ainda em Frederici (2021), após grandes revoltas dos camponeses o Estado em conjunto com a igreja e o mercado iniciaram o processo construção de discursos as quais poria as mulheres como verdadeiras “inimigas” da população. Dessa maneira, as mulheres aos poucos foram sendo expulsas do mercado de trabalho, recebendo salários cada vez menores e tendo seus colegas homens se opondo a sua presença nas fábricas, além de mercadores se recusaram a comprar produtos produzidos pelas mesmas.

Já no contexto brasileiro as mulheres dos campos se tornaram visíveis nos movimentos sociais em 1980, onde, após o falecimento do marido, estas entravam em seu lugar pela luta dos direitos a terras e contra a expropriação a qual viviam (Carneiro, 2016). Assim, estas mulheres, segundo Carneiro (2016), demonstravam sua capacidade de estar à frente de lutas sociais. Fatos estes que ocorreu um grande levante de mulheres em busca dos direitos da população rural, de início apenas acompanhando seus maridos, entretanto após seu falecimento, estas tomam a dianteira do movimento. Este fenômeno se dá devido a visibilidade que o trabalho feminino alcançou, onde segundo a pesquisadora:

> Dados sobre a participação feminina no mercado de trabalho agrícola para o início da década de 80 apontavam uma mudança expressiva: entre 1970 e 1982 houve um aumento da ordem de 132,7% da mão-de-obra feminina no campo, enquanto a masculina sofreu um crescimento negativo de 5,4%.9 Acrescente se a esse dado o fato de que a participação da mulher na produção familiar não é vista como trabalho, o que a exclui das estatísticas sobre a constituição da força de trabalho ocupada na produção de alimentos destinados ao mercado interno. (Carneiro, 2016. p. 15).

Porém, mesmo com o trabalho no campo desempenhado por elas, isso não mudou seus status perante a sociedade, ainda eram vistas como “donas de casa” e de sua submissão à autoridade de seus lares, ou seja, o esposo (Carneiro, 2016).

É necessário destacar que na construção da identidade, não se pode considerar o sujeito alheio de seu meio social e as experiências vividas do seu território. Assim, no desenvolvimento humano, estes se constituem por meio das relações interpessoais com seu meio. Dessa maneira, a linguagem vai ser um ferramenta a qual constituirá esse psiquismo e identidade (Vygotsky, 2008). Com isso, ao vivenciar uma sociedade, onde, como enfatiza Federici (2021), o Estado em conjunto com demais órgãos propagaram discursos e leis a favor da inferiorização das mulheres, e a intensificação dos limites impostos ao gênero feminino vai impactar as relações de gênero na atualidade e como a mulher, no caso do artigo, as mulheres do campo.

Como amostra da misoginia presente na história da região, na cidade de Monteiro Lobato, que no período de 1880 se chamava Buquira, as escolas da cidade eram vinculadas com a igreja católica

em bairros distantes do centro da cidade. As escolas tiveram uma grande dificuldade em relação às matrículas, pois os responsáveis tinham a crença de uma alfabetização superficial, quando a criança aprendia a escrever seu nome, os pais os retiravam da escola. No caso das meninas, estas por vezes não chegavam a frequentar a escola por razão de se acreditarem que mulheres deveriam se focar somente nos serviços domésticos (Barreto, 2012).

Discussão

Para a historiadora Cunha (2000), a mulher foi destituída de identidade, tornando-se reflexo do homem. Este processo histórico de despersonificação da mulher levou às consequências que se podem ser observadas até na atualidade. Onde elas (neste caso, as mulheres do campo), se subjetivam fora das normas morais de atitudes, a mulher perdia totalmente o respeito de sua comunidade e família (Goffman, 2008). Assim, o homem tinha a função de controle da moralidade de sua esposa e filha (Ribeiro, 2014).

Como amostra das consequências da quebra da ordem social, Ribeiro (2014) traz esses conteúdos ao analisar processos crime. No caso do assassinato de Maria Magdalena que foi morta por seu marido na cidade de Jacareí em 1878. Este relata que tiveram um desentendimento, pois o marido de Maria Magdalena queria doar as poucas posses que tinham em razão de uma promessa a Nossa Senhora da Aparecida. Com a demora do comprimento da promessa, seu marido começou a ficar desconfortável com a situação. Em confissão, o sacerdote da região diz que a recusa da esposa não era um motivo plausível para o não comprimento da promessa, assim, ao voltar da viagem à Aparecida do Norte, Lourenço (marido de Maria Magdalena), matou sua esposa. De modo geracional, esse processo de subjetivação se manifesta na construção de um roteiro previamente estabelecido para as mulheres, no qual devem crescer, casar e construir uma família, são colocados como etapas biológicas e não sociais, ou seja, uniformes (Vygotsky, 2008). Com a criação de discursos que não cabem às mulheres se subjetivarem na diferença, gerando violências contra ela e até leva-las à morte quando se negam a viver neste modelo pré-estabelecido. Dessa maneira essa opressão não se limita apenas a uma geração, pois se transmite por meio de valores, crenças e expectativas deste comportamento. Em algumas situações, essa manutenção deste papel e a forma como evitam que seja rompido, pode ocorrer de maneiras violentas, culpabilizando a pessoa que se colocou contra essa massa (Frederici, 2021).

Os efeitos do machismo estrutural pertencente à sociedade capitalista são presentes quando se é observado a propagação da violência de gênero contra mulheres da região, a qual, ao se recusarem á fazer a vontade de certo homem, que se entendia como detentor daquele corpo feminino. Como amostra dessa misoginia que ainda se perpetua nos territórios analisados, há também como amostra, o caso atual que decorreu na cidade de Monteiro Lobato/SP, um homem foi preso por atear fogo na casa de sua ex -companheira, após uma briga. Na casa residia a mulher e seus filhos, após saber do incêndio e da perda de diversos itens, a vítima passou mal e teve que ser atendida pelo posto de saúde (Globo, 2023). Dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, mostram que no Vale do Paraíba/SP ocorreram 5.152 crimes contra a mulher registrados em 2026. Nestas ocorrências são citadas diversos tipos de violações contra o direito das mulheres como: violência física, psicológica, maus-tratos, exploração sexual e tráfico de pessoas (Diário de Jacareí, 2026).

Como sempre destacado por Vygotsky (2008), a linguagem é a principal forma de subjetivação, de maneira que, mídias culturais irão influenciar na formação subjetiva do sujeito, como também salientado por Deleuze e Guattari (1996), os quais vão chamar esses meios de comunicação de produtores de subjetividade. No mandato do governo JK, onde o governo investia para uma modernização nacional. De maneira que, foi o período onde inicia-se uma intensa migração do rural para o urbano. Com isso, as indústrias culturais começam a modificar-se a fim de capturar essa nova fase do desenvolvimento urbano e globalização (Correia, 2024). Ainda em Correia (2024), "Jeca Tatu" (1959), Jerônima (esposa do Jeca) e "O Jeca e a Freira" (1967), Floriana (esposa do Sigismundo). Ambos os filmes vão apresentar as duas mulheres como mães e esposas dedicadas à família, casa e trabalho rural. Estas vão ser retratadas como aquelas que irão manter a família reunida e em ordem, além de sempre estar ao lado de seus maridos e serem seu suporte a fim de apaziguar esses conflitos as quais assolam a família e ser o suporte para o desenvolvimento do personagem masculino. Com isso, essas produções cinematográficas contribuirão para a formação de um imaginário da mulher do

campo, e como estas devem se portar diante a sociedade, traz assim, uma uniformidade a essas mulheres, ou seja, uma biologização do comportamento feminino (em especial as mulheres do campo), que ao haver uma figura disruptiva, esta figura é tratada como alguém que deve ser corrigida (Guattari; Rolnik, 1996).

Entretanto, mesmo com tais violências institucionais e sociais, muitas mulheres do campo tomaram a frente e se mobilizaram nos movimentos sociais para os direitos da terra desde os tempos das lutas camponesas contra os senhores feudais. Tinham manifestações em que eram unicamente composta pelas mulheres, pois havia o entendimento de que eram o público mais afetado pelas leis da terra, de forma que o público feminino era o que mais representava essa massa dos trabalhadores rurais nestes movimentos (Federici, 2021). No Brasil, as mulheres do campo também foram à frente. Os movimentos de mulheres do rural tanto das regiões Norte quanto ao Sul, reivindicavam de forma geral: o direito de ao status de trabalhadora, se opondo a serem apenas consideradas domésticas, direito sociais que remetem à posição de trabalhadora, aposentadoria aos 45 anos, auxílio natalidade, seguro para acidente de trabalho e direito à sindicalização (Carneiro, 2016). Um exemplo ocorrido no Vale do Paraíba é o caso de Joaquina da Conceição (1861 na Vila de São José do Parahyba), que foi acusada de continuar trabalhando em terras, onde ela, seus filhos e genros haviam perdido em razão de uma dívida de empréstimo. Neste cenário é possível identificar a figura de Joaquina da Conceição como a chefe de sua família e ainda mais como aquela à frente do conflito em relação à terra (Ribeiro, 2014).

Conclusão

Isto posto, entende-se que, a forma como os papéis foram impostos ao longo dos séculos, influenciaram culturas e a forma como os estereótipos foram construídos, delimitando os espaços femininos, principalmente para funções relacionadas à família e ao matrimônio. Com o enfoque no Vale do Paraíba, é possível analisar através da Psicologia histórico-cultural, a maneira como a submissão e a opressão à autoridade masculina, muitas vezes de forma violenta, contribuíram para este processo. A partir da análise das obras de Federici (2021), Carneiro (2016), Ribeiro (2014) e Cunha (2000), foi possível ampliar a compreensão do fenômeno a partir de uma perspectiva, considerando as relações de poder, trabalho e organização da sociedade. Dessa forma, embora se trate de um assunto amplamente conhecido, seus efeitos permanecem presentes na atualidade, evidenciando a continuidade de desigualdades e estereótipos de gênero principalmente para as mulheres da zona rural.

Mulheres as quais apesar de uma ofensiva tremenda a fim de domesticação de seus corpos quando não desempenham o papel esperado de boa esposa, mãe e dona de casa, são assassinadas ou lesadas pelos homens de sua própria família ou externos. Contudo, estas mulheres do campo ainda encontram formas e maneiras para tomarem a frente dos movimentos sociais, comunidades e famílias. Ou seja, a estrutura capitalista ao se deparar com a organização destas mulheres utiliza do machismo e da hierarquia nos lares e social para impedi-las de atuar em movimentos os quais não são referentes ao lar.

Referências

BARRETO, André. **Monteiro Lobato:** Cidade & Escritor. São José dos Campos. JAC. 2012.

CARNEIRO, Maria José. **Mulheres no campo:** notas sobre sua participação política e a condição social do gênero. Biblioteca Virtual. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/dois/carnei2.htm. Acesso em julho de 2026.

CORREIA, Ana Claudia Kanesaki. **Cinema caipira**: a representação da mulher nos filmes de Mazzaropi. 2024.

CUNHA, Maria de Fátima da. **Mulher e historiografia:** da visibilidade à diferença. Ensino de História, Londrina, v. I, n. 8, p.141-161, out. 2000.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

DIÁRIO DE JACAREÍ. **Vale registra mais de 5 mil violações de direitos contra mulheres em 2026**. Diário de Jacareí, Jacareí, [s.d.]. Disponível em: https://diariodejacarei.com.br/geral/vale-registra-mais-de-5-mil-violacoes-de-direitos-contra-mulheres-em-2026. Acesso em: 12 ago. 2026.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Elefantes: SP. 2021.

GLOBO. **Homem é preso por atear fogo na casa da ex-companheira após discussão em Monteiro Lobato, SP**. G1, Vale do Paraíba e Região, São Paulo, 1 jul. 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2023/07/01/homem-e-preso-por-atear-fogo-na-casa-da-ex-companheira-apos-discussao-em-monteiro-lobato-sp.ghtml. Acesso em: 12 ago. 2026.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008

RIBEIRO, Jéssica Marques. **Mulheres pobres e livres no Vale do Paraíba paulista do século XIX:** da invisibilidade ao grito (1861 – 1878). 2014. Relatório Final (Trabalho de Graduação em História) – Faculdade de Educação e Artes, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2014.

VALE, Larissa Mesquita do; CAVALCANTE, Isadora D' Lourdes Araújo; AMORIM, Aiala Vieira; SOUSA, Ana Júlia Oliveira de; HOLANDA, Ana Karina Cavalcante; XAVIER, Antonio Roberto. Terra, gênero e saberes tradicionais: o protagonismo da mulher rural. **Cadernos Cajuína**, *[S. l.]*, v. 10, n. 4, p. e1093 , 2025. DOI: 10.52641/cadcajv10i4.1093. Disponível em: https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/1093. Acesso em: 16 jul. 2026.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organizadores: Michael Cole *et al*. Tradução: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Edição eletrônica: Ridendo Castigat Mores, [2001?]. Disponível em: <www.jahr.org>. Acesso em: [inserir data de acesso]. (Versão para eBook: ExiladoLivros, 2015).

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (CNPQ).